

Colombo em quatro tempos

BIOGRAFIA

Colombo em quatro tempos

Historiador americano concentra-se nas viagens do navegador às Antilhas para investigar seu comportamento. Por **Francisco Quinteiro Pires**, para o Valor, de Nova York

© Getty Images/Corbis



Depois do erro de Colombo, o mundo não seria mais o mesmo. Em 1492, guiado mais pelos próprios instintos do que por instrumentos náuticos, o genovês Cristóvão Colombo (1451-1506) cruzou o Oceano Atlântico e aportou nas Antilhas. Nenhum tripulante morreu nessa viagem comandada por um navegador destemido, mas desorientado, que a Coroa espanhola nomeou Almirante

do Mar Oceano. Em vez de estabelecer uma rota comercial nova e mais rápida para a Ásia, ele descobriu um continente desconhecido. Ou, como preferem muitos estudiosos, Colombo "criou" um novo mundo com graves consequências para si mesmo e para o resto da humanidade.

Em mais de cinco séculos, a personalidade e os feitos do navegador genovês estimularam diferentes interpretações. O frei domi-

nicano Bartolomé de Las Casas (1474-1566) definiu Colombo como um homem ganancioso, pautado por falsas promessas e iniciador do genocídio indígena. O poeta americano Walt Whitman (1819-1892) fez-lhe uma prece em "Folhas de Relva" (Iluminuras). Manoel de Oliveira dirigiu "Cristóvão Colombo—O Enigma" (2007), filme sobre a suposta origem portuguesa do navegante. Um episódio de "Família Soprano" exibido

Colombo em quatro tempos



Mapa do Caribe feito por Juan de la Cosa a pedido de Colombo: "Não podemos tratá-lo apenas como um explorador heroico ou um genocida escravagista. Isso seria vê-lo dentro de uma bolha", afirma historiador

em 2002 abordou o conflito entre italo-americanos, que viam no genovês um herói, e descendentes de indígenas, que o consideravam um conquistador assassino.

A polêmica mais recente envolveu Cristina Fernández de Kirchner, a presidente da Argentina. Há cerca de seis meses, Cristina pediu a remoção de uma estátua de Colombo em Buenos Aires e anunciou no seu lugar a representação em bronze de Juana Azur-

duy, uma revolucionária da independência latino-americana. "A sua reputação sempre teve altos e baixos", diz ao **Valor** Laurence Bergreen, autor da recém-lançada biografia "Colombo, as Quatro Viagens". "Não podemos tratá-lo apenas como um explorador heroico ou um genocida escravagista. Isso seria vê-lo dentro de uma bolha."

Essa abordagem, em que se reconhecem os defeitos e as qualidades de Colombo sem ênfase num julgamento definitivo, representa uma reação recente. De acordo com Charles Mann, autor de "1493, Como o Intercâmbio entre o Novo e o Velho Mundo Moldou os Dias de Hoje" (Verus), desde os anos 1960 os historiadores passaram a compreender os descobridores europeus menos como "aventureiros corajosos" do que "exploradores mal-intencionados". Em vez de gravitar em torno de conclusões maniqueístas, Mann propõe interpretar Colombo como "um homem do seu tempo". "Ele era um navegador habilidoso, mas um administrador terrível, além de um idealista movido pela intenção de estabelecer um reinado cristão em outras terras", diz Mann ao **Valor**.

John Henrik Clarke (1915-1998) interpretou de outra forma o idealismo colombiano. Autor de "Christopher Columbus and the African Holocaust", Clarke descreveu a chegada de Colombo às Américas como a expansão do capitalismo europeu financiada pela escravidão dos africanos e pela exploração de recursos naturais. Ele rejeitou a visão eurocêntrica prevalente nas academias americana e europeia. A seu ver, ideologia não poderia ser confundida com fatos históricos.

"O primeiro encontro" de Colombo com os habitantes do Novo Mundo fomentou não uma experiência multicultural, mas uma relação entre opressores e oprimidos. Clarke alertou para o fato de muitos estudiosos confundirem o início da história dos africanos negros com a nascente colonização europeia. Ele defendeu o pioneirismo de integrantes do império do Mali, que teriam navegado até o Brasil no século XIV. No seu entendimento, os europeus foram os responsáveis pelo destino trágico dos indígenas e dos africanos nos últimos 500 anos. Diante da afirmação de que Colombo promoveu o genocídio e a escravidão, Mann prefere apresentar uma pergunta. "A escravidão era comum na época e na terra de Colombo. Pensar como todos à sua volta pensavam é necessariamente mau ou essa é a constatação de um fato?"

Em "1493", Mann usou como referência o trabalho de Alfred W. Crosby, professor da Universidade do Texas, em Austin. Considera um dos criadores da história ambiental

nos anos 1970 e autor de "Imperialismo Ecológico" (Companhia das Letras). Crosby mostrou como o vínculo entre o Velho e o Novo Mundo estimulou a circulação de animais, plantas e doenças em todos os continentes. Esse intercâmbio, por ele batizado de "Columbian Exchange", possibilitou, entre outras coisas, o aumento da população mundial. "Até hoje se fala pouco das consequências biológicas e ambientais das viagens de Colombo", afirma Mann. "Sem a sua ida para as Américas, a Revolução Industrial não teria ocorrido."

Laurence Bergreen preferiu investigar o comportamento do navegador genovês. Em "Colombo", ele se concentrou nas quatro expedições do Almirante do Mar Oceano às Antilhas entre 1492 e 1504. "As pessoas estudam apenas a primeira viagem e pensam que conhecem a história de Colombo", comenta. A análise das realizações colombianas, segundo Bergreen, deve ser multidisciplinar.

Convencido por uma "leitura ingênua" dos relatos de Marco Polo (1254-1324) e dos mapas de cartógrafos influentes como Ptolomeu (90-168), o navegador genovês convenceu Fernando e Isabel, os reis da Espanha, a financiar a sua empreitada exploratória. Ele tinha certeza de que chegaria à China pelo Oeste, pois ignorava a existência do continente americano e do Oceano Pacífico. Ele tratou a República Dominicana como se fosse um trecho da costa litorânea chinesa. "O que valorizamos em Colombo são acidentes. Ele cometeu um erro e persistiu nele. Embora irônica, essa ilusão foi o motor da sua carreira como explorador", afirma Bergreen.

O seu interesse se restringiu tanto à acumulação pessoal de riquezas quanto à cristianização de outros povos. "A cada retorno, ele tentou manipular os monarcas espanhóis em relação à importância das suas ações mais recentes." A primeira expedição ilustra as recompensas da exploração, enquanto as três seguintes revelam os custos políticos, morais e econômicos, como a escravização e o extermínio dos tainos.

Colombo tornou-se mais extremista e messiânico entre a primeira e a quarta expedições. "Ele emerge como um refém da sorte no jogo de alto risco da expansão europeia", acredita Bergreen. "Em muitas ocasiões, se não fosse a sua visão singular, as suas expedições poderiam ter fracassado." Nada daria mais empenho ao navegador genovês do que um devaneio, segundo o biógrafo. O engano provou ser trágico: a crueldade de Colombo foi do tamanho da sua fantasia.

"Colombo, as Quatro Viagens", Laurence Bergreen. Trad.: Débora Landsberg e Michel Teixeira. Objetiva, 552 págs., R\$ 64,90 ■